

*I*  
*A «intriga de Compostela»*  
*1140 – 1142*



*Santiago de Compostela, abril de 1140*

A mais vil e miserável intriga lançada sobre o meu melhor amigo, Afonso Henriques, ressuscitou, naquela tarde, no interior de uma Catedral de Compostela a tresandar a incenso, quando o seu primo direito e imperador de toda a Hispânia, Afonso VII, a lançou como arma de arremesso contra o príncipe de Portugal.

Coberto por uma dalmática escarlate, digno e vaidoso como sempre, com a coroa imperial que herdara do seu avô Afonso VI pousada no topo da cabeça, o rei dos Cinco Reinos – Leão, Castela, Galiza, Navarra e Aragão – decidiu transformar um mexerico obscuro, remetido há trinta anos aos baús do esquecimento, num argumento político que visava enfraquecer, ou até eliminar, a justa pretensão de Afonso Henriques a reinar em Portugal.

São assim os poderosos, destroem por capricho. Apesar de ter sido derrotado, em Cerneja, pelos portugalenses, três anos antes, e de, em Tui, ter prometido ao primo reconhecê-lo rei de Portugal, Afonso VII pressentiu naquela rocambolesca história um poder sombrio e desatou a contá-la pelos quatro cantos da península.

É certo que Afonso Henriques não tinha cumprido as exigências do imperador, a que se comprometera nos acordos de Tui. Não havia ainda conquistado Santarém e Lisboa, perdera a relíquia da Terra Santa, que devia ter entregue ao

Papa, e também se recusara a ir a Toledo, no verão, prestar vassalagem ao primo direito. No entanto, podia contrapor que vencera trinta mil muçulmanos na batalha de Ourique, onde desbaratara uma coligação de cinco reis mouros, e humilhara o líder destes e aspirante a califa, o príncipe Ismar, de Córdoba, auxiliando de forma indireta Afonso VII, que assim conquistou uma das praças fortes da Andaluzia, Colmenar de Oreja.

Os incômodos entre os dois primos podiam ser facilmente resolvidos com uma conversa diplomática, não sendo, portanto, necessária qualquer nova confrontação bélica e muito menos uma exibição de astúcia tão suja e maligna do filho da já falecida rainha Urraca. Quando, anos mais tarde, tudo se esclareceu, concluí que Afonso VII, que abominava a sua mãe por a considerar malévola, inconstante e desconfiada, afinal tinha a quem sair, pois usou armas semelhantes às da progenitora.

Para nascer, Portugal teve de lutar contra inimigos poderosos, que nos atingiam com duros golpes. Foi o arcebispo de Compostela, Diogo Gelmires, a alma danada que pousou a taça do veneno nas mãos do imperador de Leão, ao contar-lhe aquela vergonhosa infâmia. Diz-se que o imperador ficou espantado ao escutá-lo. Tudo acontecera trinta anos antes e nunca a irrequieta mãe, Dona Urraca, lhe mencionara alguma vez essa possibilidade. Mas uma intriga poderosa faz aos espíritos o mesmo que a resina dos pinheiros às mãos: cola-se a elas e é muito difícil de limpar. Principalmente quando a falácia pode ser usada com proveito próprio.

Naqueles tempos, Afonso VII nutria um certo fascínio pelo primo direito, mais novo e mais alto. Afonso Henrique era um valoroso combatente, um cristão enérgico envolto numa aura épica, abençoado pela Providência e capaz de feitos extraordinários. Porém, ao mesmo tempo

que o admirava e reconhecia alguma legitimidade às suas pretensões, o imperador receava o príncipe de Portugal e invejava-o. Tinha ciúmes dele e do seu sucesso, e temia que aquela força da natureza, aquele gigante intrépido e corajoso, se transformasse no único adversário peninsular que lhe podia disputar o império.

O conhecimento daquela lenda esdrúxula foi, pois, um bálsamo inesperado, que Afonso VII aproveitou como uma arma sutil, mas eficaz, para minar de forma subterrânea a honra do seu primo. Se existissem dúvidas sólidas sobre a identidade de Afonso Henriques, todo o seu crescente poder se desmoronaria... Afinal, era ele quem dizia ser? Era mesmo filho do conde Henrique e de Dona Teresa de Portugal? O arcebispo Gelmires, prestes a expirar, fora um convincente narrador, desfiando pormenores mal esclarecidos. Trinta anos antes um menino nascera, mas os seus pais haviam ficado pasmados quando lhe viram as pernas atrofiadas. O mocinho era aleijadinho e Teresa e Henrique entristeceram. Talvez por isso, mas também porque era o costume da época, entregaram o recém-nascido à família dos Moniz de Ribadouro, que teria de o criar e educar. E foi isso que estes fizeram, com doçura e carinho, persistência e dedicação extrema.

Meu pai, Egas Moniz, e minha mãe, Dordia Viegas, trataram do petiz definhado com tal empenho que aos três anos o menino já corria. Minha mãe jurava a todos, e meu pai secundava, que aquilo acontecera por vontade celeste de Nossa Senhora! Havia sido as benditas águas do ribeiro de Cárquere a salvar o enfermo, razão pela qual meu pai mandara edificar no local uma igreja, junto ao mosteiro que ali existia e onde eram recebidas muitas outras crianças, doentes ou rejeitadas.

Ao longo da vida escutara esta descrição e ainda recordo, tinha eu talvez seis anos, ouvir meu pai jurar:

– Lourenço Viegas, foi um milagre que curou Afonso Henriques!

Só quando a «intriga de Compostela» me chegou aos ouvidos percebi que esta crença inabalável da minha família não era partilhada pelos mais fortes opositores do Condado Portucalense. Segundo contou o arcebispo Gelmires no seu leito de morte, já na época houvera quem desconfiasse de marosca. Como podia um menino aleijado ter sido curado? Um enfezado transformara-se, como era no presente, num gigante? Perante um boquiaberto Afonso VII, o malicioso Gelmires cuspira uma dúvida sinistra:

– Não terão trocado o menino por outro?

Como sempre acontece com as ideias que parecem esta-pafúrdias, no início Afonso VII terá desprezado tal tolice. Mas, pouco a pouco, os viscosos argumentos do arcebispo de Compostela foram fazendo o seu caminho. A criança acabou entregue à nossa família com poucos meses, enquanto o conde Henrique andara a viajar ou a combater, voltando a Astorga, para morrer, tinha Afonso Henriques apenas três anos. E Dona Teresa, era sabido, não dava especial atenção ao filho, via-o uma ou duas vezes por ano e nunca demonstrara grande afeto por ele. Seria porque também ela desconfiava de que o menino não saíra das suas entranhas?

O desdenhoso arcebispo insistira: ainda por cima, meu pai e minha mãe Dordia haviam-me tido a mim, Lourenço Viegas, apenas meses antes do nascimento do príncipe de Portugal. Era ou não possível que, em algum momento inicial da vida do petiz, meu pai me tivesse trocado pelo verdadeiro Afonso Henriques?

Quando o arcebispo Gelmires terminou a prosa, esgotado e sem fôlego, o espírito do imperador já fervilhava, contaminado pela desconfiança épica que o outro fizera nascer e entusiasmado com o potencial tenebroso da refinada intriga. Contudo, para um homem sagaz e inteligente como

Afonso VII, era por demais evidente que seria difícil, trinta anos depois, provar a veracidade da suposta fraude. O conde Henrique e Dona Teresa tinham morrido há muito, tal como minha mãe, Dordia Viegas. Depois do falecimento de meu tio Ermígio, uns anos antes, o único que poderia confirmar tão complexo estratagema era Egas Moniz, mas o imperador de Leão tinha a certeza de que jamais o mordomo-mor do Condado Portucalense iria trair o seu amado príncipe!

Porém, a verdade era-lhe irrelevante, bastava a mera suspeita, uma espécie de veneno verbal. Política impura. O potencial fabuloso da lenda estava em lançar a história contra Afonso Henriques, para o diminuir e enfraquecer, minando a sua autenticidade aos olhos de portucalenses, aliados e inimigos. O que acharia o Papa Inocêncio II desta possibilidade escandalosa? Que reação teriam os templários impulsionados por Bernardo de Claraval, abade de Cluny e Cister, sempre prontos a apoiarem Afonso Henriques? O que diriam dele os muçulmanos como Ismar, Abu Zhakaria ou as princesas de Córdova? E os portucalenses gostariam de saber que, em Ourique, tinham aclamado rei um usurpador? Se a «intriga de Compostela» fosse expandida pela Cristandade, a boa estrela de Afonso Henriques seria manchada por uma escura nódoa.

O imperador animou-se! Nessa mesma noite, enquanto o arcebispo Gelmires soltava o último suspiro, conferenciou com Fernão Peres de Trava, seu conselheiro e um dos nobres mais poderosos da Galiza. No entanto e para surpresa de Afonso VII, o Trava não se excitou com a malícia. Embora fosse dotado de um espírito arguto, quando o assunto era Afonso Henriques o fino galego cegava de ódio puro e suspendia o pensamento lúcido. Fernão Peres nunca perdoara ao príncipe de Portugal a derrota na batalha de São Mamede, nem a forma como este tratara a mãe, colocando-a a ferros numa masmorra. O amor intenso à falecida

Dona Teresa não passava já de uma saudade forte, mas a raiva ao filho dela perdurava e, nos últimos anos, o Trava tudo tentara para matar Afonso Henriques. Nunca fora bem-sucedido nas suas ignóbeis ciladas, mas não desistia e exclamou:

– Ora, temos é de vencê-lo em batalha e no fim empalá-lo!

Este desejo sangrento e sórdido esbarrou em Afonso VII, que não desejava desperdiçar soldados em mais lutas contra o primo, pois a sua prioridade bélica centrava-se no combate aos sarracenos. Os muçulmanos da Andaluzia dividiam-se em querelas e o califa de Marraquexe, o almorávida Ali Yusuf, retirara as suas tropas da península, para se defender dos ataques constantes dos almóadas em Marrocos. Nunca fora tão óbvia a vulnerabilidade dos mouros andaluzes e o imperador queria conquistar Cória e depois atacar Córdova e Sevilha, para ser o primeiro rei cristão a chegar ao mar, em Almeria.

– Mais guerras, só contra os mouros! – proclamou Afonso VII, impondo a sua estratégia intriguista ao Trava, a quem no final perguntou, deveras curioso – Alguma vez Dona Teresa vos falou das crianças trocadas?

Vaidoso, Fernão Peres aprumou o balandrau verde e endireitou-se, como sempre fazia quando falava da defunta paixão. Tinha duas filhas de Dona Teresa e não voltara a amar ninguém como a ela.

– Nunca! – exclamou, ligeiramente ofendido.

O imperador compreendeu. Porque haveria a tia, Dona Teresa, de querer que aquele sujo segredo se soubesse? Se o verdadeiro Afonso Henriques tivesse sido trocado, a desonra atingia-a também, prejudicando os seus interesses. A tia preferira o silêncio. Fosse quem fosse o menino, era seu filho e o herdeiro do Condado!

– E Chamoá? – questionou o imperador.

Sobrinha de Fernão Peres de Trava, Chamoá Gomes era filha da irmã deste, Elvira, e de Gomes Nunes, conde de Toronho. Além disso, era irmã da minha esposa, Maria Gomes, e, mais importante ainda, esperava um filho de Afonso Henriques, seu amor antigo.

– Que interessa o que sabe Chamoá? – resmungou o Trava.

O tio embirrava com a sobrinha, desde que esta se enamorara de Afonso Henriques. Mas Afonso VII há anos que admirava e desejava a beldade galega. Chamoá possuía uns olhos verdes luminosos, uns cabelos cor de mel inebriantes, um olhar de corsa indefesa e gentil, um sorriso alegre e empolgante, um peito frondoso e coberto de sardas incandescentes. Um mimo de mulher, uma gostosa fantasia, tão apetitosa para filhar...

– As mulheres acreditam muito nestas intrigas – disse o imperador, já entusiasmado. – Há que confundi-la!

Antes de minar as ideias do Papa, dos templários ou dos portugalenses, Afonso VII pretendia baralhar Chamoá, julgando que assim atingiria mais depressa o príncipe de Portugal. Só que o enervado Trava encolheu os ombros, descrente em tal caminho. Chamoá acompanhava sempre Afonso Henriques entre Guimarães e Coimbra, não seria fácil denegrir o amado naquele coração tão dedicado.

Sem desistir, o imperador lembrou:

– O pai dela está em Tui!

Gomes Nunes encontrava-se no seu castelo e podiam ir até lá, na aparência para o obrigarem a prestar vassalagem ao imperador, mas, na realidade, para o elegerem como primeiro portador da poderosa intriga, crentes de que correria a narrá-la à filha predileta.

– Partimos após as exéquias do arcebispo! – ordenou Afonso VII.

O Trava permaneceu silencioso, ligeiramente enjoado com o excesso de incenso que pairava na catedral, mas sobretudo zangado com a impossibilidade de lutar numa batalha onde poderia finalmente eliminar Afonso Henriques. Toldado pela ira que sempre o consumia, o importante nobre galego demorou a aceitar que a língua viperina dos homens pode ser bem mais eficaz do que as lanças pontiagudas que usam nos combates.

Meus queridos filhos e netos, foi, portanto, assim que renasceu a «intriga de Compostela», uma perturbadora história que me perseguiu durante anos, não só porque punha em causa a identidade do meu melhor amigo e em breve rei de Portugal, mas também porque a sua fantasmagórica sombra me envolvia. Se aquela ignóbil fraude fosse verdadeira, o mais forte candidato a ser o verdadeiro Afonso Henriques era eu, Lourenço Viegas, o filho mais velho de Egas Moniz!

Na ânsia de esclarecer tão doloroso imbróglio, tive de recuar até àquele dia na Catedral de Compostela e ainda mais atrás, à época da morte do pai de Afonso Henriques, reconstituindo o que se passou com a minúcia de um ourives minhoto. Vivi anos atormentado pela mera possibilidade de nas minhas veias correr sangue real portugalense e a minha forte amizade ao meu rei foi posta à prova. Enquanto nascia em Portugal um reino novo, no meu coração morava uma angústia desassossegada, um pesadelo sem fim, que hoje vos começo a contar e que só terminaria quando conquistámos a bela cidade de Lisboa, sete anos mais tarde.

### *Tui, maio de 1140*

Os meus sogros, Gomes Nunes e Elvira Peres de Trava, formavam um casal amargo de improváveis sobreviventes. Amor e perigo não dançam bem juntos e trinta anos depois do matrimónio eles eram dois corações gastos, forçados a uma convivência desagradável, num território fronteiriço fustigado por conflitos turbulentos. Tanta perturbação havia cavado a sepultura onde jazia a ternura mútua inicial, que produzira duas filhas: Maria Gomes, a minha mulher, e Chamoia Gomes, a paixão de Afonso Henriques.

O bom Gomes Nunes nascera portugalense, mas com o casamento recebera o condado de Toronho, uma faixa de terreno entalada entre a Galiza e o Condado Portucalense. Sem grandes riquezas ou tropas, o meu sogro dobrara a cerviz a galegos, leoneses ou portucalenses, numa habilidade permanente mas cansativa, cujo objetivo sempre fora a manutenção do título e do castelo.

Trinta e tal anos antes, desposar uma Trava pareceralhe um passo sólido e uma certeza de tranquilidade, pois Elvira pertencia à mais relevante estirpe da Galiza. Só que os ventos do destino haviam pregado uma partida ao casal nobre de Tui, e quando Afonso Henriques disputou o Condado Portucalense à mãe e ao amante dela, Fernão Peres de Trava, a família dividira-se. Elvira foi para um lado, Chamoia

e Maria Gomes para o outro, e mais se abriu o fosso quando a primeira se apaixonou por Afonso Henriques.

Torcidos por tantos imbróglis, os meus sogros já quase não se falavam e não partilhavam a cama. Irrequieta, palavrosa e mandona, Elvira Peres de Trava divertia-se com um amante em Compostela e nem se ralava que o marido soubesse, para melhor o humilhar. Quanto ao pacato Gomes Nunes, bonacheirão e pouco dado ao orgulho, vingava-se nas padeiras de Tui, mas nos seus olhos só se via um cobarde temor do futuro. Dizia-se que receava ser envenenado, embora a mestria de minha sogra na cozinha, cuja saborosa categoria posso confirmar, nunca se tenha aliado a uma vontade criminosa.

Infeliz, o meu sogro só amaciava o coração com as ocasionais visitas dos netos. Maria Gomes e eu havíamos tido dois filhos, e Chamoá, quatro, três do seu primeiro marido, Paio Soares, e um quarto de um primo direito, Mem Tougues, também ele um Trava. No entanto, esses seis rapazes, que por vezes apareciam em Tui, raramente eram o alvo das atenções da avó, sempre desligada e arisca, só confortando a existência do avô.

No dia em que Afonso VII e Fernão Peres, vindos de Compostela, se apresentaram aos portões do Castelo de Tui, o único neto presente era Pêro Pais, o filho mais velho de Chamoá e Paio Soares, que tinha já treze anos e fora armado cavaleiro por Afonso Henriques, logo após a batalha de Cerneja. Esguio e bem lançado, corajoso e vivaço, hábil e bom combatente, qualidades que certamente herdara de seu pai, antigo alferes do conde Henrique, Pêro Pais era o neto preferido de Gomes Nunes e viera de propósito a Toronho visitá-lo, para grande irritação de Elvira Peres de Trava, que embirrava com aquele pivete, considerando-o um impertinente e «um falso Trava», pois tivera o topete de, anos antes, se ter revoltado contra ela.

Quando avistaram os estandartes leoneses, avô e neto encontravam-se junto a Gualdim Pais, amigo do filho de Chamoá e com a mesma idade que Pêro, e Gomes Nunes apenas murmurou:

– Virgem Santíssima...

A súbita aparição de Afonso VII, ainda para mais acompanhado pelo Trava, não era uma boa notícia. Quando Pêro Pais perguntou o que poderia querer o imperador, Gomes Nunes não o esclareceu, pois não o quis preocupar, mas o seu coração encheu-se de alarme, embora a postura permanecesse calma, pelo menos até ao momento em que surgiu no pátio do castelo a sua esposa.

Roliça e anafada, já com os cabelos cinzentos, mas ainda com muita energia, Elvira Peres de Trava exibia a disposição eufórica de uma vencedora e elevou ao alto os seus braços polpudos. Ela cozia bem os alimentos, mas também os ódios. O irmão Fernão demorara, mas finalmente chegara e o marido ia ser obrigado a alinhar com o rei leonês, não com um tolo com a mania das grandezas!

– Chamoá perdeu! – declarou ela.

Pêro Pais olhou-a com desprezo. A avó não ia mudar, não com a idade que tinha, mas ele confiava na mãe e sobretudo em Afonso Henriques. Se o imperador prendesse o avô, o príncipe de Portugal lançaria a Galiza a ferro e fogo. Por isso, esperou, tranquilo, a chegada dos notáveis visitantes.

Afonso VII, depois de desmontar e dos habituais cumprimentos, começou por estabelecer o seu desagrado com a ausência de Gomes Nunes em Toledo, onde era esperada a sua vassalagem, mas fê-lo de uma forma vaga e até apressada, deixando avô e neto com a sensação nítida de que algo mais relevante o interessava.

– Comamos primeiro! – estabeleceu o rei leonês.

Há décadas que o imperador conhecia a fama culinária da anfitriã de Tui, que gabou mais uma vez, enquanto

saboreava os manjares. Com javali e vieiras, pescada e bom vinho galego, calou-se o imperador e só no final do repasto a curiosidade o assaltou. Olhando de esguelha para Pêro Pais e Gualdim, perguntou ao primeiro:

– O javali foi caçado por vós?

Talvez Afonso VII quisesse elogiar o filho de Chamoá, mas Elvira Peres de Trava intrometeu-se com prontidão.

– Foi o meu amigo quem mo ofereceu!

O imperador não deu importância à confissão, pois não tinha pingo de interesse nas desavenças íntimas do casal de Tui e só pensava na filha mais nova deles.

– E Chamoá? Está grávida de Afonso Henriques?

O meu sogro não recuperara ainda da estocada maldosa da esposa, por isso nem tugiou. Já Pêro Pais, sempre desafiador, ignorou ostensivamente a pergunta imperial e cochichou com o seu amigo Gualdim. Perante tamanha exibição de desrespeito, Elvira sentiu-se na obrigação de intervir e exclamou:

– Minha filha é uma tola! Podia ter tanto, se aqui estivesse...

Na primeira frase, havia a crítica constante e ressequida da mãe contra a filha. Contudo, a segunda era mais perturbadora, pois insinuava que Chamoá, se o quisesse, poderia ser amante do imperador, o que fez crescer os temores de avô e neto, ambos conhecedores dos desejos de Afonso VII.

– Não compreendo o fascínio dela por meu primo... – murmurou este.

– Temos é de lhe fazer a guerra! – rugiu o Trava, furioso.

Estas bélicas palavras tiveram o condão de enervar Pêro Pais, que imaginou o naco de javali a voar de encontro ao focinho de Fernão Peres. Não podendo executar tal gesto, lembrou a batalha de Cerneja, onde Afonso Henriques havia batido as tropas de Afonso VII e do Trava.

– Quereis repetir? – perguntou o esperto rapaz.

Ao dizê-lo, apresentou a travessa de carne de javali, como se fosse a esta que se referia e não à derrota, mas o seu instante de gozo foi abruptamente quebrado, quando o imperador lançou uma inesperada atoarda.

– Afonso Henriques é quem diz que é?

Afonso VII olhava diretamente para o pai de Chamoá e de imediato este empalideceu. Foi um momento fugaz, pois Gomes Nunes, com a capacidade que desenvolvera de fazer-se passar por tonto, logo perguntou com extrema candura:

– Virgem Santíssima, de que falais?

O imperador da Hispânia serviu o veneno a conta-gotas. Palavra a palavra, lá foi desfiando a safadeza, numa voz ave-ludada. Recordou o nascimento do filho aleijadinho do conde Henrique e de Dona Teresa, os pais muito tristes, a entrega à família Moniz, os banhos de água em Cárquere, a melhoria do petiz que nunca via os pais, o «suposto» milagre, a igreja a Nossa Senhora que meu pai mandara construir. Uma pancada atrás da outra, mas com bons modos. E ninguém abriu a boca a não ser Elvira, que, quando o imperador referiu o nome da pequena povoação onde havia um mosteiro, comentou em voz baixa:

– Se as pedras de Cárquere falassem...

Gomes Nunes olhou-a, irritado, enquanto o rei leonês lançava mais dúvidas antigas.

– Minha mãe, Urraca, estranhou, quando viu Afonso Henriques em Astorga, no dia da morte do conde Henrique. Era aleijadinho? Não parecia...

Sobrevoando o silêncio alheio, o imperador afirmou que só Egas Moniz sabia a verdade e foi aí que Pêro Pais o questionou:

– Que verdade?

A maliciosa Elvira alvitrou, mais uma vez em voz baixa:

– Egas Moniz vivia perto do mosteiro das crianças...

Sempre com um leve sorriso no rosto, mas com a perfeita noção de que proferia uma enormidade aterradora, o imperador dos Cinco Reinos interrogou a mesa com ênfase:

– Terá Egas Moniz trocado o aleijadinho?

Foi como se tivesse passado uma rabanada de vento frio na sala, que a todos congelou. Aproveitando o momento dramático que conseguira gerar, o imperador acrescentou mais interrogações tenebrosas. Saberá Chamoá dessa história? Ela fora casada com Paio Soares, o antigo alferes do conde Henrique. Alguma vez o seu primeiro marido lhe teria falado na troca de crianças? Ou seria mais uma pobre vítima de um miserável embuste? Estaria mesmo casada com o verdadeiro Afonso Henriques? Mais veneno aqui e ali. Por fim, o imperador da Hispânia pousou a faca com que antes sulcara a carne do javali e anunciou que estava disposto a adiar por uns meses a exigência de vassalagem de Gomes Nunes.

– Até que Chamoá nos esclareça...

Depois, para exibir o seu poder imperial, e com o mesmo tom agradável, Afonso VII terminou proferindo uma ameaça séria. Um imperador tudo pode. Se Chamoá não agisse e Gomes Nunes persistisse naquela recusa desonrosa, a punição imperial seria drástica: o conde de Toronho seria banido do Castelo de Tui e destituído do seu título!

– O quê? – exclamou Pêro Pais, enfurecido.

O visado angustiou-se em silêncio e até Elvira não teve alma para reagir. O primeiro a falar foi o Trava, que subitamente animado e já cavalgando aquela horrível fantasia, olhou com desdém para o jovem Pêro Pais e o ofendeu:

– Pior do que vosso pai ter sido morto por Afonso Henriques era tê-lo sido por um embusteiro!

Para evitar que o impetuoso rapaz puxasse do punhal, o seu amigo Gualdim pousou-lhe a mão no braço, sentindo-o enrijecer de raiva. Pêro Pais há muito que sabia que seu pai,

Paio Soares, fora morto por Afonso Henriques. Ciúme fatal, por causa do amor que ambos tinham a Chamoá. Mas uma coisa era perdoar ao pai, ao príncipe e à mãe essa distante tragédia amorosa; outra, bem diferente, era ouvir gozações insultuosas na boca do principal responsável por Paio Soares e Afonso Henriques se terem tornado inimigos.

– Haveréis de engolir essas palavras! – rosnou Pêro.

O Trava riu-se, bem como a avó Elvira, que perorou:

– Ameaças de um petiz, nem chegam ao nariz.

Quem não se riu foi Gomes Nunes, porque a partir daquela data tinha a cabeça a prêmio. Coçou o pescoço com a mão, já lhe doía. Ou esclarecia com Chamoá aquela antiga trama, ou perdia Toronho para sempre...

Queridos filhos e netos: hoje, quando vos conto isto, no meu coração encontro ainda um lamento magoado, por meu sogro não me ter descrito este desagradável encontro em Tui. Gomes Nunes era um bom homem. Dávamo-nos bem, conversávamos muito quando eu e Maria Gomes o íamos visitar a Tui ou ele vinha a Guimarães, havia entre nós respeito mútuo suficiente para ele ter confiado em mim, revelando-me a desagradável malícia que Afonso VII e o Trava espalhavam. Se o tivesse feito, muita confusão se evitaria, mas a verdade é que se calou, impossibilitando-me de investigar a «intriga de Compostela» à nascença.

A trombeta do Diabo começara a soar.